AÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO
Viver para aprender, Aprender para viver.

Estrela Guia de Aruanda



Ora yê yê ô, Mãe Oxum!

ANO IX · OUTUBRO, 2026

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Nesta Edição

A edição de outubro traz Oxum, Orixá associada às águas doces, ao amor, à prosperidade, à paciência e à sabedoria. Esta edição reúne textos que refletem sobre a força e a delicadeza de Oxum, abordando temas como a firmeza que também existe na doçura. A edição também dá continuidade à série "Milagres Inexplicáveis", iniciada na edição de setembro, desta vez com o texto "O Manto de Guadalupe". Ao celebrar Oxum, reafirmamos a importância da serenidade, do cuidado, da perseverança e da capacidade de florescer mesmo diante dos desafios.

Sumário

- **Fio de Contas e Memórias** **03**
- **Oxum, a Doçura Firme** **04**
- **O Tempo e a Paciência** **06**
- **A Ternura que Alimenta e Prospera** **07**
- **As 13 Almas Benditas** **09**
- **O Manto de Guadalupe** **12**
- **Sinestesia Arquitetônica** **15**
- **Nas Àguas de Oxum as Folhas Florescem** **17**
- **Umbanda tem Fundamento** **19**

Expediente

Curadoria Doutrinária:
- Pai Pedro Lettieri

Editor Chefe:
- Lucius Lettieri

Editores:
- João Gabriel Deuschle
- Mariana Eleuterio
- Patricia Cysne
- Sabrina Soliane

Diagramação:
- Mariana Eleuterio

Séries:

- **Editorial**
- **Tema**
- **Sabores do Axé**
- **Milagres Inexplicáveis**
- **Ôh Curimbeiro**
- **Salve As Folhas**
- **Umbanda Tem Fundamento**

Atividades do ACVE

Giras:
Valparaíso - Sáb - 14h30
Palmelo - Sex (alternadas) - 19h30
Cristalina - Sex (alternadas) - 19h30

Desenvolvimento:
Valparaíso - Qua - 19h

Palestra e Passe:
Cristalina - Qui - 19h30

Estudos:
Online - Ter - 20h

@acve.acve

acve.com.br

Editorial

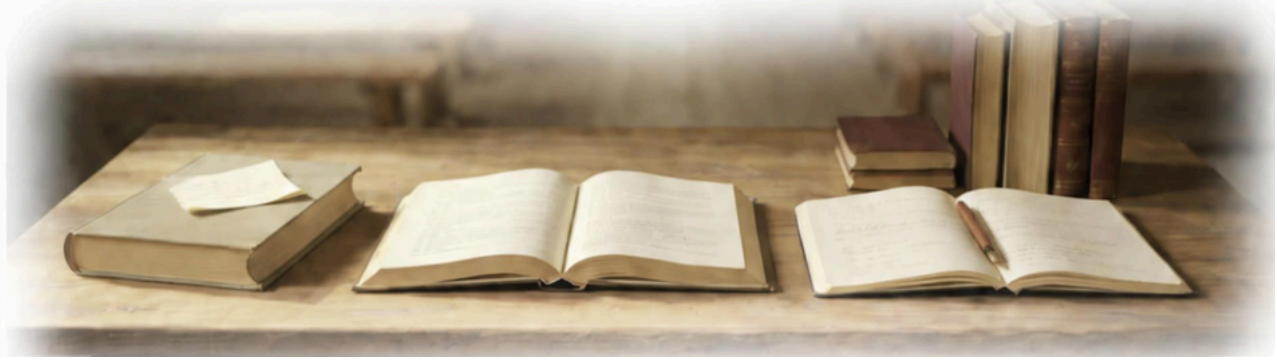
Fio de Contas e Memórias

Grupo de Cursos ACVE

O estudo é um pilar importante do desenvolvimento mediúnico. Mas, com a multiplicação de conteúdos sobre Umbanda na internet, surge um desafio cada vez mais presente: identificar, entre tantas opções, quais fontes de estudo merecem confiança.

Conhecer os fundamentos do Terreiro que frequenta é o ponto de partida para qualquer estudo sério, e o papel do Sacerdote Dirigente da Casa é fundamental para orientar esse caminho. Afinal, a tradição da Umbanda é transmitida pela oralidade e pela convivência no Terreiro. Isso não impede, contudo, que o médium amplie seus horizontes. Conhecer outras perspectivas pode, inclusive, amadurecer a compreensão da própria tradição, desde que se saiba distinguir a origem de cada conhecimento e aquilo que, de fato, é praticado na **própria Casa**.

Um bom critério para a escolha das fontes de estudo é a autoria responsável. Outro ponto essencial é a coerência interna do material. Boas obras dialogam com a tradição e convidam à reflexão, em vez de apenas afirmar. Convém desconfiar de conteúdos que prometem atalhos para o desenvolvimento mediúnico ou fórmulas prontas para lidar com o Sagrado.



Também é importante não restringir o estudo a uma única fonte. Conhecer referências diversas permite comparar perspectivas e perceber tanto as convergências quanto as diferenças entre tradições. **Estudar uma prática diferente daquela adotada pela própria Casa não significa incorporá-la.**

Essa pluralidade de repertório, aliás, é parte da própria natureza da Umbanda, que não possui uma forma única de organização capaz de representar todas as Casas. Escolher bem o que se estuda é, portanto, um exercício de discernimento. Estudar também exige humildade e representa um convite permanente ao aprendizado. Allan Kardec já advertia que aquele que considera "a sua razão infalível está bem próximo do erro. Essa ideia ecoa na célebre frase atribuída a Sócrates: "só sei que nada sei".

Para quem está em desenvolvimento mediúnico, estudar é também uma forma de cuidar da própria mediunidade e de honrar, com responsabilidade, o conhecimento ancestral que se pratica. O conhecimento amplia o olhar e o discernimento permite reconhecer, dentro dele, aquilo que realmente faz sentido para o próprio caminho.

Referências

1. *CARNEIRO, Ana Clara Tomaz; MENEZES, Marilda Aparecida de. Transmissão da Tradição Umbandista: ou o Lampejo da Narração. Estudos de Religião, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 109–126, 2024. DOI: 10.15603/2176-0985/er.v35n1p109-126.*
2. *KARDEC, Allan. Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, item VII (A Ciência e o Espiritismo). In: KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de José Herculano Pires. São Paulo: FEB (Federação Espírita Brasileira)*

Oxum, a Doçura Firme

Médium Maria Carolina Francisco

Oxum é a guardiã das águas doces, dos rios, das cachoeiras e das nascentes. Sua presença pode ser percebida no movimento delicado da água que contorna as pedras, encontra passagem entre os obstáculos e segue seu caminho sem perder sua essência. Na Umbanda, Oxum é associada ao amor, à beleza, à fertilidade, à prosperidade, à sensibilidade e ao cuidado. Sua energia nos ensina que delicadeza não é sinônimo de fraqueza. Há força naquilo que é suave, assim como há potência no rio que, com o tempo, transforma a paisagem.

Vivemos em uma sociedade que valoriza a pressa, a disputa e a agressividade. Oxum nos apresenta outro caminho: agir com firmeza sem perder a educação, defender nossas opiniões sem humilhar ninguém e buscar nossos objetivos sem abandonar a sensibilidade. Com equilíbrio e constância, podemos alcançar lugares que antes pareciam impossíveis.

A beleza de Oxum também precisa ser compreendida para além da aparência. Ela está presente na forma como tratamos as pessoas, cuidamos de nós mesmos e tornamos o ambiente ao nosso redor mais acolhedor. Oxum nos lembra que o amor-próprio nasce quando reconhecemos nosso valor, respeitamos nossos limites e compreendemos que não precisamos diminuir ninguém para perceber nossa própria luz.

É nesse sentido que podemos relacionar a força de Oxum ao sincretismo com Nossa Senhora Aparecida. A história religiosa e cultural do Brasil é marcada pelo encontro entre diferentes povos, tradições e formas de fé. Na Umbanda, o sincretismo também surgiu como forma de preservar cultos de origem africana diante da perseguição e da imposição religiosa. Assim, em muitas casas e tradições, Oxum é relacionada a Nossa Senhora Aparecida, símbolo de acolhimento, cuidado, esperança e proteção.

Essa relação não significa uma mesma figura religiosa, pois cada tradição possui sua própria história, símbolos e fundamentos. Porém, percebemos que o amor pode transbordar para além das fronteiras religiosas e criar caminhos de união e transformação. Nossa Senhora Aparecida, imagem encontrada nas águas, remete ao simbolismo da água doce: aquilo que acolhe, purifica, nutre, transforma e renova. Em Oxum, encontramos a força das águas que correm e acolhem; em Nossa Senhora Aparecida, muitos reconhecem a presença materna que ampara os que sofrem, fortalece os que perseveram e renova a esperança. Em ambas, podemos contemplar um amor que não se fecha em si mesmo, mas se derrama sobre a vida e alcança aqueles que dele necessitam.

A associação de Oxum com a prosperidade ultrapassa o desejo de acumular bens materiais. Prosperar é permitir que a vida se desenvolva com equilíbrio: ter saúde, cultivar relações respeitosas, desenvolver conhecimentos, trabalhar com dignidade, manter a esperança e compartilhar com o mundo aquilo que somos. Assim como a água alimenta a terra e sustenta a vida, aquilo que recebemos também deve circular de maneira consciente.

Prosperidade, portanto, não é acumular sem medida, mas reconhecer os recursos recebidos e saber empregá-los de maneira justa. O amor que transborda em caridade e assistência precisa ser vivido com responsabilidade. Ajudar não significa abandonar a si mesmo; amar não significa aceitar abusos; compartilhar não significa viver sem organização. Dentro de um terreiro, esses ensinamentos se manifestam na união, no respeito, na disciplina, no conhecimento e na disposição para servir.

Que Mamãe Oxum nos ensine a perseverar com ternura, cuidar com responsabilidade, receber com gratidão e repartir com generosidade. Que Nossa Senhora Aparecida, símbolo de fé, acolhimento e esperança, inspire-nos a reconhecer a força do amor que une, consola e transforma. Que suas águas doces lavem nossas tristezas, fortaleçam nossa caminhada e nos ensinem que a doçura também é coragem, fazendo transbordar em nossas palavras e atitudes o cuidado, o respeito, a união e a transformação em nossa comunidade.

Referências

1. *SPECK, Larissa Santos. Guerreiras de Oxum. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2019. Disponível em: Anima Educação. Acesso em: 10 set. 2026.*
2. *GONÇALVES, Kary Jean Falcão. Oxum, mãe da beleza: o poder da divindade de maior popularidade do panteão afro-brasileiro. Saber Científico, Porto Velho, v. 2, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2009. Disponível em: São Lucas. Acesso em: 10 set. 2026.*
3. *SANTUÁRIO NACIONAL DA UMBANDA. Oxum. Santo André, SP: Santuário Nacional da Umbanda, [s. d.]. Disponível em: Santuário de Umbanda. Acesso em: 10 set. 2026.*



O Tempo e a Paciência

Uma reflexão sobre a espera, a fé e o compasso espiritual

Médium Carolina Banhos

Na Umbanda, aprendemos logo cedo que o tempo não se mede apenas nos ponteiros do relógio, mas no compasso sutil da evolução espiritual. A pressa é uma urgência humana, um reflexo da nossa ansiedade diante das incertezas da vida, mas o terreiro nos convida a silenciar esse ritmo acelerado para sintonizarmos com uma frequência muito mais profunda: a da paciência e da fé. Quando chegamos aos pés de um Preto Velho ou de um Caboclo, muitas vezes queremos respostas imediatas, soluções mágicas que apaguem a dor da noite para o dia, esquecendo que o vento que traz a brisa da cura é o mesmo que precisa de espaço para varrer os detritos acumulados na alma.

A paciência, nessa filosofia, não é passividade ou resignação cega; é uma virtude ativa de confiança. É a certeza de que os guias e Orixás estão trabalhando nos bastidores da nossa existência, muitas vezes em caminhos que nossos olhos materiais ainda não conseguem alcançar. Enquanto cruzamos os braços na corrente ou aguardamos a nossa vez no banco do terreiro, o tempo vai agindo como um ferreiro habilidoso, moldando nosso caráter e lapidando nossas arestas mais difíceis, preparando-nos para receber aquilo que pedimos no instante exato em que estamos prontos para sustentá-lo.



Cada espera na gira carrega um ensinamento oculto e transformador. O silêncio antes da consulta nos prepara para ouvir o que realmente precisamos escutar, e não apenas o que gostaríamos de ouvir para adular o nosso ego. Compreendemos, aos poucos, que as sementes plantadas na terra escura da dor precisam de tempo debaixo da superfície — no escuro, no silêncio e na aparente estagnação — antes de romperem o solo em direção à luz, firmes o bastante para suportar as intempéries do mundo exterior sem perder a essência.

Assim, olhar para o relógio deixa de ser uma angústia cotidiana e passa a ser um exercício consciente de entrega e amor-próprio. Afinal, na Umbanda, o tempo nunca se perde; ele se transfigura em aprendizado, em caridade e em paz interior. E quando finalmente entendemos que o universo conspira a nosso favor no ritmo da nossa maturidade espiritual, o coração se aquieta, a alma descansa e a certeza de que nunca estamos desamparados faz morada definitiva em nós.

A Ternura que Alimenta e Prospera.

Médium Mariana Eleuterio

Entre as comidas oferecidas aos Orixás, as de Oxum se destacam pela presença da doçura, do amarelo e dos elementos ligados às águas doces. Senhora dos rios, das cachoeiras, da fertilidade e da prosperidade, Oxum reúne acolhimento, beleza e abundância. Seus alimentos expressam essas qualidades, embora seus preparos e fundamentos possam variar conforme a tradição de cada casa.

Um dos alimentos mais conhecidos é o **Omolucum**, preparado principalmente com feijão-fradinho e, conforme a tradição, ovos e outros ingredientes. Os muitos **grãos** reunidos podem representar fertilidade, multiplicação e abundância, enquanto os **ovos** remetem à gestação e ao potencial de gerar e renovar a vida. Por isso, o Omolucum aparece em diferentes contextos relacionados a Oxum, especialmente em pedidos e agradecimentos ligados à fertilidade, prosperidade e continuidade.



O **mel** também possui uma relação marcante com Oxum. Sua doçura remete àquilo que se deseja atrair e cultivar: amor, prosperidade, harmonia e abundância. Mais do que um ingrediente, expressa a qualidade de adoçar os caminhos e tornar a vida mais fértil. Seu uso, entretanto, segue fundamentos específicos de cada tradição.

As frutas também ocupam um lugar importante entre os elementos associados a Oxum. Entre as mais relacionadas à Orixá estão o **melão amarelo**, o **pêssego** e a **uva**, embora essas associações possam variar conforme a tradição de cada casa. O melão amarelo, por sua cor e abundância, aproxima-se do simbolismo do ouro, da prosperidade e do brilho de Oxum. O pêssego, delicado, perfumado e de sabor doce, relaciona-se à beleza, à suavidade e à fertilidade. Já a uva, formada por muitos frutos reunidos em um único cacho, pode representar multiplicação, fartura e abundância.

Outro preparo de grande importância é o **Ipeté**, feito à base de inhame e tradicionalmente associado a Oxum. Em muitas casas de Candomblé, sua preparação marca o encerramento do ciclo litúrgico anual, carregando os sentidos de conclusão, agradecimento e renovação. O inhame, alimento que cresce sob a terra, relaciona-se à fertilidade, à força e à prosperidade. Já os camarões, ligados às águas, reforçam a relação de Oxum com os rios e a fertilidade. A união desses elementos expressa a complementaridade entre terra e água, forças essenciais à vida e à abundância. A própria forma de preparar e apresentar as comidas de Oxum também pode fazer parte de seu fundamento. O cuidado, a beleza e a abundância presentes na composição dos pratos expressam respeito e devoção.

Conhecer suas comidas é também conhecer seus símbolos. Em cada grão, fruto e ingrediente encontramos referências à fertilidade, à prosperidade, à beleza e à capacidade de gerar e multiplicar. A comida nos lembra que todo ciclo precisa de um momento de encerramento para que outro possa começar: alimentar também é agradecer pelo que foi vivido, cuidar do presente e preparar o caminho para aquilo que ainda irá florescer.



Referências:

1. O PRESENTE de Oxum e a construção da multiplicidade no candomblé. Religião & Sociedade. Dossiê Materialidades do Sagrado. Disponível em:*Scielo*. Acesso em: 17 ago. 2026.

As 13 Almas Benditas

Ancestralidade, memória e práticas de culto

Médium Guilherme Friaça



O culto às Almas Benditas constitui uma das expressões da relação estabelecida, no universo religioso brasileiro, entre os vivos e aqueles que já realizaram a passagem para o mundo espiritual. Na Umbanda, essa relação adquire características próprias, articulando concepções deancestralidade, caridade, evolução espiritual e intercessão. A expressão 13 Almas Benditas não corresponde, necessariamente, a um conjunto homogêneo de treze espíritos individualmente identificados e reconhecidos por todas as comunidades umbandistas. Trata-se, antes, de uma construção devocional presente em diferentes manifestações da religiosidade popular brasileira e reelaborada, em determinados contextos umbandistas, segundo os fundamentos particulares de cada terreiro. Essa diversidade decorre da própria constituição histórica da Umbanda, marcada pela incorporação e ressignificação de elementos provenientes de diferentes matrizes religiosas e culturais brasileiras (ORTIZ, 1999; PRANDI, 2001).

A relação com as Almas pode ser compreendida a partir de uma concepção de continuidade da existência para além da morte física. Nas diversas vertentes da Umbanda, a morte não representa o desaparecimento do indivíduo, mas uma mudança de condição no processo de existência espiritual. Os desencarnados podem encontrar-se em diferentes estágios de desenvolvimento e, de acordo com sua condição espiritual, participar de atividades de auxílio e aprendizado. Nesse sentido, o culto às Almas não se limita à oraçã o em favor dos mortos; ele pode estabelecer uma

relação de reciprocidade espiritual, na qual encarnados e desencarnados participam, em diferentes níveis, de processos de amparo e transformação. A noção de caridade assume, nesse contexto, papel fundamental, pois o auxílio prestado aos espíritos necessitados é compreendido como parte de um compromisso mais amplo com a evolução espiritual (CUMINO, 2010; QUEIROZ, 2023).

A presença das Almas no imaginário umbandista também se relaciona simbolicamente à calunga, termo empregado em diferentes tradições afro-brasileiras para designar, entre outros sentidos, o cemitério e os espaços associados ao domínio dos mortos. A aproximação entre as Almas e a Calunga deve ser compreendida, entretanto, para além de uma simples associação espacial. O cemitério constitui um território simbólico de passagem, memória e transformação, no qual a fronteira entre vida e morte adquire expressão ritual. Em diferentes práticas religiosas afro-brasileiras, os lugares relacionados aos mortos possuem significados específicos e não devem ser interpretados exclusivamente a partir das categorias ocidentais de medo ou negatividade. Na Umbanda, essa dimensão pode ser reelaborada por meio de práticas de oração, iluminação espiritual e encaminhamento, nas quais a morte aparece como parte de um processo mais amplo de continuidade da existência (SILVA, 2005; PRANDI, 2001).



A denominação 13 Almas Benditas deve igualmente ser situada no contexto mais amplo da religiosidade popular brasileira. Orações, novenas e promessas dirigidas às Almas constituem práticas difundidas no catolicismo popular e foram, historicamente, apropriadas, reinterpretadas e ressignificadas por diferentes grupos religiosos. Na Umbanda, essas referências podem estabelecer diálogos com entidades e linhas de trabalho associadas aos mortos, aos ancestrais e aos espíritos em processo de esclarecimento. Não existe, contudo, uma liturgia universal das 13 Almas Benditas válida para todos os terreiros. As formas de culto podem incluir velas, água, orações, pontos cantados, firmezas e outras práticas, sempre de acordo com os fundamentos da casa. Essa pluralidade ritual é característica importante da Umbanda e impede que determinadas práticas locais sejam apresentadas como regras gerais da religião (ORTIZ, 1999; SILVA, 2005).

Sob uma perspectiva antropológica, o culto às Almas pode ainda ser interpretado como uma prática de memória e ancestralidade. Recordar os mortos, estabelecer vínculos simbólicos com eles e reconhecer sua participação na trajetória dos vivos constitui uma forma de produzir continuidade entre passado e presente. Maurice Halbwachs (1990) demonstra que a memória possui uma dimensão social, sendo construída e atualizada no interior dos grupos. No campo religioso, essa memória pode assumir formas ritualizadas, permitindo que indivíduos e comunidades mantenham relações simbólicas com aqueles que já morreram. Na Umbanda, a evocação das Almas pode, portanto, ser compreendida não apenas como uma prática voltada à obtenção de graças, mas como uma experiência de reconhecimento da continuidade dos vínculos espirituais e da responsabilidade dos vivos diante daqueles que necessitam de auxílio.

Nesse sentido, o culto às 13 Almas Benditas pode ser compreendido como uma expressão particular da concepção umbandista de caridade e interdependência espiritual. A oração pelas Almas e a busca de seu auxílio estabelecem uma relação na qual a fronteira entre quem ajuda e quem é ajudado pode tornar-se menos rígida: os encarnados oferecem preces, luz e intenção de auxílio, enquanto as entidades e consciências espirituais, segundo a compreensão religiosa, podem oferecer proteção, orientação e amparo. A devoção às Almas, portanto, ultrapassa a dimensão individual do pedido e pode ser compreendida como uma prática de solidariedade entre diferentes planos da existência. Em sua dimensão mais profunda, ela reafirma uma concepção segundo a qual a evolução espiritual é construída coletivamente, por meio da caridade, da memória, do respeito aos mortos e do compromisso permanente com o bem. É nesse horizonte que as 13 Almas Benditas podem ser entendidas como uma manifestação significativa da complexa relação entre ancestralidade, morte, espiritualidade e cuidado presente em diferentes expressões da Umbanda.

Referências:

1. CUMINO, Alexandre. História da Umbanda: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2010.
2. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
3. ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
4. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
5. QUEIROZ, Rodrigo. Umbanda para iniciantes: um tour pelo terreiro. Curitiba: Citadel Grupo Editorial, 2023.
6. SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.
7. SIMAS, Luiz Antonio. Umbandas: Uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.



Milagres Inexplicáveis

Manto de Guadalupe

A imagem que desafia a ciencia e fortalece a fé

Médium Camila Vidal

Em dezembro de 1531, apenas dez anos após a conquista espanhola do Império Asteca, o México vivia um período de profundas transformações políticas, culturais e religiosas. Foi nesse contexto que o indígena recém-convertido ao cristianismo Juan Diego Cuauhtlatoatzin afirmou ter recebido sucessivas aparições de Nossa Senhora no monte Tepeyac, próximo à atual Cidade do México. Segundo seu relato, a Virgem pediu que ele solicitasse ao bispo Dom Juan de Zumárraga a construção de um templo naquele local.

Diante da desconfiança da autoridade religiosa, Juan Diego recebeu um sinal extraordinário. Em pleno inverno, encontrou rosas de Castela florescendo no alto do monte, flores inexistentes naquela região e naquela época do ano. Ao recolhê-las em sua tilma — um manto simples confeccionado com fibras de agave — e apresentá-las ao bispo, as flores caíram ao chão e, sobre o tecido, surgiu impressa a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe.



Quase cinco séculos depois, essa mesma tilma permanece preservada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, e continua sendo um dos objetos religiosos mais estudados do mundo. Para milhões de fiéis, trata-se de um milagre permanente. Para pesquisadores, historiadores, físicos, químicos e conservadores de obras de arte, ela reúne uma série de características que seguem alimentando debates e investigações.

Um dos aspectos mais intrigantes diz respeito ao próprio tecido. A tilma foi confeccionada com fibras de agave (ixtle), material considerado pouco resistente e que, em condições normais, costuma apresentar desgaste significativo após poucas décadasde uso. No entanto, a peça permanece preservada há quase 500 anos, apesar de ter permanecido exposta ao contato dos fiéis e às condições ambientais por séculos, antes mesmo da adoção das atuais técnicas de conservação.

Outro ponto frequentemente citado refere-se às características da própria imagem. Ao longo do século XX, diferentes pesquisadores afirmaram não identificar, em determinadas áreas da tilma, marcas convencionais de pinceladas, preparação da superfície ou camadas de verniz normalmente presentes em pinturas sobre tecido. Alguns estudos também

sustentam que parte dos pigmentos parece permanecer suspensa sobre as fibras, sem penetrá-las como ocorre nas tintas tradicionais. Essas observações deram origem à hipótese de que determinados trechos da imagem não teriam sido produzidos por técnicas pictóricas conhecidas no século XVI.

Essas conclusões, entretanto, permanecem objeto de controvérsia. Especialistas em conservação e história da arte observam que a tilma passou por intervenções e retokes ao longo dos séculos e ressaltam que muitos dos exames realizados não foram submetidos ao mesmo rigor de validação científica empregado atualmente. Assim, emhora as características da imagem continuam despertando interesse, não existe consenso entre os pesquisadores sobre sua origem ou método de confecção.



Outro dos mistérios mais conhecidos envolve os olhos da Virgem. Em 1929, o fotógrafo Alfonso Marcúe González afirmou ter observado, em ampliações fotográficas, pequenas figuras refletidas nas pupilas da imagem. Décadas mais tarde, outros pesquisadores utilizaram equipamentos de maior ampliação e sustentaram identificar cerca de uma dezena de personagens, incluindo um indígena ajoelhado, um religioso e outras pessoas que fariam referência ao momento em que Juan Diego apresentou a tilma bispo. Para os defensores da autenticidade sobrenatural da imagem, esses supostos reflexos reproduziram o chamado efeito de Purkinje-Sanson, característico dos olhos humanos. Já outros especialistas consideram que as figuras podem resultar de interpretações subjetivas favorecidas pela ampliação da imagem.

A tilma também esteve no centro de um episódio histórico marcante. Em 14 de novembro de 1921, uma bomba escondida em um arranjo de flores explodiu diante da imagem durante um atentado contra o santuário. A explosão destruiu parte do altar, danificou objetos próximos e deformou um grande crucifixo metálico — conhecido atualmente como o "Cristo Retorcido" — que permanece exposto na Basílica como lembrança do ocorrido. A tilma, entretanto, não sofreu danos aparentes, embora ainda não estivesse protegida pelo vidro blindado que hoje a resguarda. Para os fiéis, esse episódio representa mais um sinal de sua preservação extraordinária; para a história, permanece como um fato amplamente documentado.



Além dos aspectos materiais, a imagem também reúne elementos simbólicos que despertam o interesse de historiadores e antropólogos. Um dos mais conhecidos é a flor de quatro pétalas localizada sobre o ventre da Virgem, identificada por estudiosos como o símbolo náuatle Nahui Ollin, representação do centro do universo e da presença do divino na cosmovisão asteca. Muitos pesquisadores interpretam esse elemento como um indicativo de que Maria estaria grávida de Jesus, reforçando uma mensagem mensagem compreensível aos povos indígenas recém-evangelizados. Trata-se, contudo, de uma interpretação simbólica da iconografia da imagem, e não de uma evidência científica.

Ao longo dos séculos, inúmeras análises buscaram explicar a origem da tilma, sua composição, sua conservação e as características da imagem. Algumas encontraram explicações parciais; outras abriram novos questionamentos. Enquanto a ciência continua investigando os aspectos materiais do manto, milhões de pessoas enxergam nele um testemunho da presença de Deus na história humana.

Entre estudos laboratoriais, documentos históricos, debates acadêmicos e séculos de devoção popular, o Manto de Guadalupe permanece como um dos maiores enigmas da história do cristianismo — um símbolo que continua desafiando explicações definitivas e alimentando, ao mesmo tempo, a pesquisa científica e a experiência da fé.

Referências:

1. *BRANDING, David E. A Virgem de Guadalupe: imagem e tradição através de cinco séculos. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Ecclesiae, 2014.*
2. *JOÃO PAULO II, Papa. Homilia na Canonização de Juan Diego Cuauhtlatoatzin. Cidade do México, 31 jul. 2002. Disponível em: Vatican*
3. *LEÓN-PORTILLA, Miguel. Tonantzin Guadalupe: pensamiento náuatl y mensaje cristiano en el "Nican Mopohua". Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2000.*
4. *POOLE, Stafford. Our Lady of Guadalupe: The Origins and Sources of a Mexican National Symbol, 1531-1797. Tucson: The University of Arizona Press, 1995.*
5. *SANTUÁRIO BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. História da Virgem de Guadalupe. Cidade do México, [s.d.]. Disponível em: Virgen de Guadalupe*

Ôh Curimbeiro

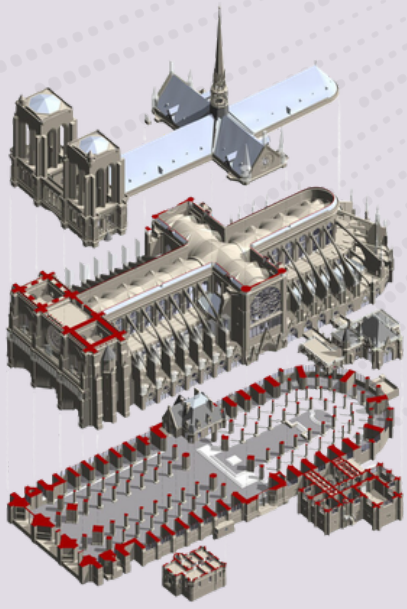
Sinestesia Arquitetônica

Médium Lucius Lettieri



Construída em Constantinopla entre 532 e 537, durante o governo do imperador Justiniano I, a **Basílica de Hagia Sophia** (Santa Sofia) foi uma das grandes expressões arquitetônicas do Império Bizantino. Sua enorme cúpula, as superfícies de mármore e a amplitude interna não impressionavam apenas visualmente: também influenciavam a percepção sensorial e corporal durante as cerimônias. O canto litúrgico reverberava por vários segundos, prolongando-se mesmo após a interrupção das vozes. O edifício deixava de ser mero abrigo para a música e passava a participar da experiência sensorial dos fiéis.

Em diferentes períodos, a arquitetura dos espaços religiosos influenciou não apenas a forma de ouvir a música, mas também as possibilidades de sua composição e execução. Nas catedrais góticas europeias, como a **Catedral de Notre-Dame** de Paris, as naves alongadas e os tetos elevados contribuem para prolongar e refletir o som . Nesse contexto, entre os séculos XII e XIII, desenvolveu-se uma tradição de polifonia, na qual diferentes linhas melódicas se entrelaçavam em um ambiente acústico que influenciava sua execução e percepção, embora não seja possível atribuir essa evolução exclusivamente à arquitetura. Já no final do Renascimento, a Basílica de São Marcos, em Veneza, tornou-se um importante centro de inovação musical. Andrea e Giovanni Gabrieli participaram da tradição dos cori spezzati, que distribuía grupos vocais e instrumentais em diferentes posições do edifício, explorando contrastes, respostas e efeitos espaciais. A distância e a localização dos grupos sonoros tornavam-se, assim, elementos da própria composição, fazendo a arquitetura parte ativa da experiência musical.



Clique aqui e escute a diferença!

O projeto Icons of Sound, associado à Universidade Stanford, estudou a acústica da Hagia Sophia por meio de medições e simulações digitais. Os resultados evidenciaram uma reverberação prolongada, capaz de fundir as notas do canto monódico (de uma só linha melódica) e melismático (em que uma sílaba é cantada em várias notas consecutivas), criando uma experiência sonora envolvente. Pesquisas em neurociência também investigam como determinadas experiências espirituais se relacionam com alterações na atividade cerebral, incluindo regiões parietais envolvidas na percepção espacial e nas representações do eu e do outro. Embora

esses estudos não demonstrem que a acústica da Hagia Sophia provoque tais alterações, permitem investigar como o som, o espaço e contexto ritual podem contribuir para experiências subjetivas de transcendência.



Muitos desses templos e catedrais permanecem ativos e em uso religioso atualmente, embora tenham passado por transformações arquitetônicas, restaurações e mudanças de função.

A Hagia Sophia, por exemplo, funciona como mesquita desde 2020, após décadas como museu. Suas propriedades acústicas continuam condicionadas por sua estrutura monumental, mas a experiência sonora atual não pode ser considerada idêntica à das cerimônias bizantinas, pois depende também dos materiais, da ocupação do espaço, das práticas musicais e do contexto ritual de cada época.

Esses exemplos demonstram como a história da arquitetura sagrada se relaciona à exploração dos sentidos humanos. Ao definir paredes, cúpulas, materiais e dimensões, os construtores estabeleciam condições que influenciavam a propagação do som e a experiência corporal dos participantes. A vivência religiosa, portanto, não ocorre apenas dentro da arquitetura, mas se constitui no diálogo entre as propriedades físicas do edifício, as dimensões biológica e sensorial do ser humano e os significados espirituais atribuídos ao espaço.

Referências:

1. *COLLECCHIA, Gina. Icons of Sound: methodology. Stanford University. Disponível em: https://ginacollecchia.github.io/stanfordwork/methodology.html. Acesso em: 14 out. 2026.*
2. *PENTCHEVA, Bissera V. Hagia Sophia: sound, space, and spirit in Byzantium. University Park: Pennsylvania State University Press, 2017.*
3. *MILLER, Lisa et al. Neural correlates of personalized spiritual experiences. Cerebral Cortex, Oxford, v. 29, n. 6, p. 2331–2338, 2019. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6519691/. Acesso em: 14 out. 2026.*
4. *ACOUSTICS OF NOTRE-DAME CATHEDRAL IN PARIS. Acoustics, Basel, v. 2, n. 4, 2020. Disponível em: https://www.mdpi.com/2624-599X/2/4/44. Acesso em: 14 out. 2026.*
5. *BASILICA DI SAN MARCO. Tradizione musicale. Veneza. Disponível em: https://www.basilicasanmarco.it/basilica/tradizione-musicale/. Acesso em: 14 out. 2026.*



Salve as Folhas

Nas Águas de Oxum, as Folhas Florescem

O Amor que Transborda e Transforma

Médium Guilherme Friaça













Na Umbanda, o conhecimento das ervas sagradas nos ensina que a natureza não é apenas cenário da vida espiritual: ela é presença, força e movimento. Cada folha carrega qualidades próprias, reconhecidas pela tradição e ativadas no encontro entre o elemento vegetal, a intenção ritual, a oração e o axé. Quando nos aproximamos de Oxum, senhora das águas doces, das cachoeiras e dos rios, esse conhecimento ganha uma tonalidade especial. Suas ervas nos falam de acolhimento, fertilidade, beleza, prosperidade e, sobretudo, de um amor que não permanece fechado em si mesmo. Como a água que encontra seu caminho entre as pedras, o amor de Oxum deseja circular, alcançar o outro e devolver movimento àquilo que havia endurecido.

As ervas relacionadas a Oxum participam dessa pedagogia das águas. Plantas como **camomila, erva-cidreira, manjericão, alfazema, calêndula e folhas de laranjeira**, conforme os fundamentos e tradições de cada casa, podem integrar banhos, amacis, defumações e outros preparados destinados à harmonização, ao equilíbrio emocional e à abertura para relações mais amorosas. Não existe, entretanto, uma lista universal e imutável de "ervas de Oxum": a classificação varia entre linhagens e comunidades religiosas. Mais importante do que decorar correspondências é compreender o princípio que orienta seu uso. Sob a irradiação de Oxum, a folha pode se tornar instrumento para suavizar excessos, recompor afetos e lembrar ao indivíduo que cuidar de si também é uma forma de permitir que o amor volte a correr.

A imagem da água doce ajuda a compreender esse fundamento. Um rio saudável recebe, movimenta e entrega; ele não guarda para si toda a água que possui. Assim também é o amor quando compreendido pela força de Oxum. Amar não significa aprisionar, possuir ou exigir do outro aquilo que nos falta. O amor que transborda nasce de uma fonte interior suficientemente cuidada para que possa alcançar quem está ao redor sem se esgotar. Nesse sentido, um banho de ervas dedicado a Oxum pode significar o reencontro com o próprio valor, a recuperação da autoestima, a cura das mágoas e a disponibilidade para estabelecer vínculos nos quais afeto e liberdade possam coexistir.

Há também uma dimensão profundamente transformadora nesse amor. A água parece delicada, mas é capaz de modificar paisagens inteiras. Contorna obstáculos, escava a pedra, fertiliza a terra e conduz sementes para outros lugares. As ervas, quando empregadas dentro desse mesmo campo simbólico e ritual, recordam que suavidade não é sinônimo de fraqueza. Há transformações que não acontecem pela ruptura ou pelo confronto, mas pela persistência amorosa. Oxum ensina a potência do gesto cuidadoso, da palavra que apazigua sem se submeter, da sensibilidade que percebe antes de agir.

Suas folhas podem, assim, participar de trabalhos voltados não somente para atrair, mas para transformar a qualidade das relações — começando pela relação que cada pessoa estabelece consigo mesma.

Esse ensinamento também nos ajuda a compreender por que o trabalho com ervas na Umbanda não deveria ser reduzido a uma espécie de receita mágica. Colocar determinada planta em um banho não produz automaticamente amor, prosperidade ou harmonia. A folha participa de uma relação sagrada entre ser humano, natureza e espiritualidade. É preciso conhecer a planta, respeitar sua forma de utilização e compreender o fundamento do trabalho realizado. Quando colhemos uma folha com reverência, quando maceramos as ervas em oração ou quando recebemos sobre o corpo uma água preparada ritualmente, somos convidados a participar conscientemente da transformação que pedimos. Oxum não nos ensina apenas a desejar ser amados: ensina-nos a reconhecer onde nosso próprio amor deixou de circular.

Por isso, falar das ervas de Oxum é falar, em última instância, sobre **a arte espiritual de fazer o amor transbordar**. É permitir que as águas internas sejam novamente movimentadas, que antigas dores sejam lavadas e que aquilo que existe de fértil em nós encontre condições para florescer. A folha entrega seu axé à água; a água recebe a força da folha e a conduz adiante. Talvez exista aí uma das mais belas imagens do poder e força de Oxum: nada verdadeiramente amoroso permanece represado. Aquilo que recebemos da natureza, dos Orixás, dos ancestrais e daqueles que caminham conosco precisa encontrar passagem através de nossas próprias atitudes. Quando o amor encontra passagem, ele deixa de ser apenas sentimento e se transforma em força criadora. Ora Yê Yê Ô, Mamãe Oxum! Que suas águas lavem nossas dores, alimentem nossas raízes e nos ensinem a amar de tal maneira que o amor, em nós, possa sempre transbordar e transformar.



Referências:

1. *BARROS, José Flávio Pessoa de. O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé Jêje-Nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.*
2. *BENISTE, José. As águas de Oxalá: àwon omi Òsàlá. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.*
3. *CAMARGO, Adriano. Rituais com ervas: banhos, defumações e benzimentos. São Paulo: Alfabeto, 2012.*
4. *CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.*
5. *PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.*
6. *SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.*
7. *SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.*
8. *VERGER, Pierre Fatumbi. Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.*

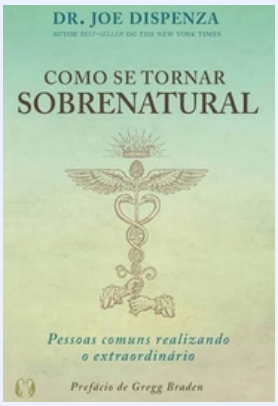
Umbanda Tem Fundamento. É Preciso Conhecer

Indicações de livros, filmes, canais, podcasts e outros conteúdos relacionados à Espiritualidade. O objetivo é compartilhar boas dicas de conhecimento sobre o universo da magia e do sagrado, sempre com responsabilidade e fundamento.

Confira, a seguir, algumas sugestões:

Livros

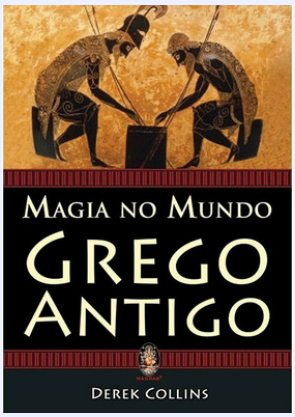
Como Se Tornar Sobrenatural - Dr. Joe Dispenza



O livro explora como pensamentos, emoções e hábitos podem transformar a mente e o corpo. O autor combina meditação, neurociência, epigenética e conceitos espirituais para propor uma mudança profunda de consciência. A obra apresenta práticas destinadas a romper padrões pessoais e alcançar estados ampliados de percepção.
Seu objetivo é mostrar como pessoas comuns poderiam vivenciar experiências extraordinárias e uma realidade mais plena.

Magia no Mundo Antigo - Derek Collins

Um estudo sobre as práticas mágicas na Grécia Antiga e sua presença na vida social e ritual. A obra aborda feitiços, remédios, maldições, amarrações e estatuetas, além da atuação dos especialistas em magia. Por meio de diferentes estudos de caso, o autor explora como essas práticas funcionavam e os contextos culturais que permitiam sua existência.



Plataformas Digitais

A Viagem de Chihiro



O filme permite uma reflexão sobre o mundo espiritual, a identidade e a importância de não perder a própria essência, temas que dialogam com diferentes compreensões sobre espiritualidade e consciência. A Viagem de Chihiro, de Hayao Miyazaki, apresenta um universo espiritual habitado por diferentes seres e espíritos, no qual Chihiro precisa encontrar seu caminho para voltar ao mundo humano.

Estrela Guia de Aruanda

As imagens que ilustram esta edição foram retiradas de bancos de domínio público, ou seja, sem direitos autorais. As demais artes foram geradas e manipuladas em ferramentas de Inteligência Artificial.



AÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO

Viver para aprender, Aprender para viver.

ANO IX · OUTUBRO 2026 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA